



PORTE
PAGO

Quinzenário * 1 de Dezembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 932 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Uma nova casa de família, em nossa Aldeia do Tojal. Janelas abertas à Natureza, como «remédio para a alma de pequeninos doentes do cheiro das ruas».

AQUI LISBOA!

«A Pessoa Idosa tem direito à existência cultural»
(Declaração dos Direitos das Pessoas Idosas).

Referimos já que a Família é o espaço privilegiado de vida das Pessoas Idosas e Doentes. As exceções, em casos singulares e verdadeiramente extraordinários, só confirmarão a regra, porque só ela, a funcionar em pleno, dará o carinho e atenção que as pessoas necessitam.

Considerando, embora, que os tempos evoluem e que cada época tem as suas características próprias, vemos com tristeza e como perda o facto de não ser possível o convívio amadurado de três gerações, pais, filhos e netos, sempre enriquecedor pela troca de experiências vividas e pela comunicabilidade de afectos e de sentimentos. E não se pense que os únicos e mais prejudicados sejam os velhos, pois que, nesta matéria, os jovens, e em particular as crianças, muito perderão.

De acordo com a Declaração que temos vindo a comentar há que facilitar o livre acesso à formação cultural como às possibilidades de aperfeiçoamento, bem assim o livre acesso aos meios de informação e divulgação de notícias. Os centros de convívio já aqui citados muito poderão contribuir para que tais finalidades sejam alcançadas, mau grado o elevado índice de analfabetismo existente, mormente, em particular, nas idades mais avançadas.

Diz-nos a vida que é precisamente depois dos 55 a 60 anos que a maturidade das pessoas se afirma. Ora, nos tempos correntes quem tiver essa idade ou mais, é logo considerado velho e acabado. Muito perderia a Humanidade se as pessoas idosas não pudessem exercer uma actividade cultural criadora e afirmar a possibilidade de transmitir às gerações mais novas as suas expe-

riências e os seus talentos. Há, pois, que prevenir uma mentalidade deletéria que considera a juventude de espírito como apanágio de idades.

Não pensem os leitores que as considerações que temos vindo a fazer são meras especulações desincarnadas. No âmbito das suas relações ou dos seus conhecimentos, quicá

Cont. na 4.ª página

OS DIREITOS DA CRIANÇA

O trabalho é outro dos temas que constitui o número 9 da Declaração:

«A criança não deve ser admitida em nenhum emprego antes de ter atingido a idade mínima apropriada; não deve, em nenhum caso, ser constrangida ou autorizada a aceitar uma ocupação ou um emprego que prejudique a sua saúde ou a sua educação, ou que entrave o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.»

Trata-se do trabalho-profissão, do trabalho lucrativo, que faz da criança um adulto prematuro e a introduz num mundo onde a justiça é ainda, geralmente, uma aspiração e a competitiva «luta pela vida» uma circunstância discriminatória, desumanizante.

O trabalho, num mundo que foi entregue ao Homem para ser recriado pelo seu engenho na descoberta das potencialidades maravilhosas que ele encerra e pelo seu esforço para as pôr em acto ao serviço do bem-estar de todos, é, justamente, um instrumento insubstituível na edificação do próprio Ho-

mem. O trabalho em prol da realização progressiva de um mundo melhor e mais belo. O trabalho que valorize o seu próprio conteúdo lúdico (A quantos temos ouvido que ele é o melhor dos «hobbies»! E é!) na perspectiva ideal de um mundo que não será nunca paraíso, mas pode e deve não ser o inferno que tantas vezes e para tantos é.

O trabalho na linha da tendência e aptidão de cada um, contudo não diletante (no significado mais ligeiro do termo), mas útil ao desenvolvimento comunitário e ao do próprio indivíduo, pelo exercício das suas faculdades, pela implicação de voluntariedade no compromisso assumido, o que o torna mais senhor de si, mais livre, mais autónomo porque provido de respostas às suas necessidades e desejos e aos da comunidade a que pertence, na qual realiza bens de que todos podem usufruir.

O conceito de trabalho meramente utilitário para quem o produz é que envenena a sua compreensão e amarga o seu sabor. Deve-se entendê-lo como um valor social primário, que a cada um compete prestar na medida da sua capacidade e a que todos têm direito de acesso na colheita dos seus frutos. Sem ele, as imensas riquezas que o mundo contém permanecerão inertes e a Humanidade empobrece.

O trabalho, mesmo o trabalho físico, não é uma realidade material. Quem o esvazia da sua componente ideal que torna o Homem, pela sua actividade, capaz de participar na recriação do mundo que Deus fez e lhe entregou, esse, sim, é que enterra os horizontes que lhe foram dados e mergulha no abismo das penas do trabalho e arrasta pela vida além os grilhões desse «fatal cativo» a que todo o homem está sujeito.

Não pensava assim Pai Américo (e a experiência o confirma) ao condensar as normas de vida desta célula verdadei-

em orgias, na satisfação dos instintos;

Infelizes os orgulhosos, os prepotentes, os grandes da terra, os que se julgam senhores;

Infelizes os vingativos, os justiceiros, os duros de coração;

Infelizes os que se fecharam aos Outros em suas necessidades;

Infelizes os pervertidos, os prostituídos, os que escondem a paternidade ou maternidade;

Infelizes os violentos, os que se negaram ao diálogo, os inventores de meios de guerra;

Cont. na 4.ª página

TRIBUNA DE COIMBRA

Todos-os-Santos

Neste dia anual de festa sinto-me sempre no meio da multidão a escutar a Palavra de Jesus Cristo: a proclamação das Bem-aventuranças:

Felizes os pobres
Felizes os que choram
Felizes os humildes
Felizes os que têm fome e sede de justiça
Felizes os misericordiosos
Felizes os puros de coração
Felizes os obreiros da paz
Felizes os perseguidos
Felizes os caluniados.

Todos estes, se procurarem que a sua vida esteja em sintonia com a Vontade de Deus,

hão-de alegrar-se com a grande recompensa que lhes está reservada na Casa do Pai.

No mesmo dia à tarde, ou no outro dia de manhã, encontrá-me também nos cemitérios e, no meio de muitas flores e muitas velas acesas, ouço vozes que agora só já entendemos nas nossas consciências, a proclamarem:

Infelizes os que viveram só para os bens da terra, que amontoram, que fecharam, que se deixaram escravizar pelo direito à posse;

Infelizes os que passaram a vida no prazer, em festanças,

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Aquele deficiente a que nos referimos na edição anterior, não pode estar à espera da magra pensão de invalidez.

Um impecilho dos Pobres é exactamente a morosidade na concessão de benefícios do Seguro Social. E os prazos dilatados, aprazados regulamentarmente, provocam graves consequências, que não se vêem ou não entendem por deformação tecnocrata? Até se legisla *ex cathedra*, sem descer cá baixo, à baúca dos Pobres!

Há dias — lemos nos jornais — decorreu um colóquio sobre a problemática social, com o patrocínio oficial, em que participaram técnicos de renome internacional. O caso dos deficientes teria sido abordado?

Costamos de *optimizar*. Ao fim e ao cabo não se *optimiza* nada. Os planos ficam nas secretárias a ganhar bolor ou à espera de melhores dias — como acontece a muitos níveis e sectores.

Este prólogo, sobre o Joelho, é para dizer que o recoveiro dos Pobres não pode estar à espera de planos, de *messias* ou da empatocracia. Ele tem de remar contra a maré e, assim, colocar oportuna e importunamente os pontos nos *ii*. Por isso, no sentido da promoção social do deficiente a que nos referimos, abordámos uma proposta:

— V. poderá conduzir uma cadeira motorizada?

— Posso, sim senhor.

— Na medida do possível V. quer ganhar, assim, algo mais que compense a mísera pensão que irá receber?

Segundo o vicentino, os olhos do homem faiscavam! E o recoveiro dos Pobres continua:

— V. tem jeito e vontade de vender lotaria ou quinquilharia, na medida do possível, de maneira que, pelo seu trabalho, a família possa subsistir dignamente?

— Tenho, sim senhor!

Depois, fizemos uma prospecção. E «guardado está o bocado para quem o há-de comer»: o nosso Padre Carlos vai confiar ao deficiente uma cadeira de rodas motorizada, guardada no Lar do Gaiato do Porto! Já foi vistoriada por um mecânico e a reparação anda pelos quatro ou cinco contos — que esperamos de mão amiga dos nossos leitores. Enquanto ela durar, pois é usada, será o ganha-pão de uma família jovem.

Num país cristão, em que o deficiente fosse respeitado, não seria necessário o recoveiro dos Pobres procurar soluções materiais de emergência, inclusivé. Os centros de recuperação ou reabilitação, terminada a cura e a formação específica do deficiente, teriam logo — pelo departamento competente — um posto de trabalho adequado à sua qualificação profissional. Ele não precisaria de estender a mão — de se humilhar. Não seria um marginal, mas integrado na sociedade. Assim é que deveria ser!

PARTILHA — Maria Carolina, de Ermesinde, 200\$00. Rua de Cedofeita, Porto, 100\$00 «por alma de meus queridos pais». Rua da Lapa, Lisboa, o contributo habitual: 200\$00. «Uma portuense qualquer» marca presença com doutrina oportuna. Ei-la:

«Está a aproximar-se mais um dia de Fiéis Defuntos e eu aproveito juntar à migalhinha relativa ao mês de Outubro, para a vossa Conferência vicentina, mais 300\$00 que ofereço por alma de meus Pais, em substituição de flores mais caras que poderia colocar nas súds sepulturas. Limitar-me-ei a umas flores muito mais simples e ficarei mais satisfeita por esse dinheiro reverter a favor de alguém que ainda peregrina na terra com muitas carências materiais.»

Em discreto sobrescrito, como é costume, 300\$00 da assinante 19177, da capital do Norte, «por uma intenção particular e por alma de meu marido e meus pais». Ainda no Espelho da Moda, 500\$00 de Paços de Gaiato. 350\$00 de A. F., «com o atraso de sempre». Mais vale tarde que nunca!

Aquele Vicentino de Lisboa chega sempre na hora H. Sempre! Agora, de passagem pelo Porto, deixa um cheque «para auxiliar um auto-construtor ou para qualquer necessidade mais urgente». E continua: «Peço desculpa de tão grande intervalo..., mas vultosas despesas inesperadas não me permitiram fazer o que o meu espírito vicentino gostaria. Agradeço uma oração por minhas Filhas...»

É um homem de fé e sabe como o Senhor, nosso Deus, alivia sempre a cruz da nossa vida.

Outra mensagem de Oliveira do Douro, com um cheque «para as despesas da Conferência», pedindo uma oração ao Céu por todos os nossos Irmãos em provações, para que nunca se esqueçam de olhar para o Alto e assim orientados a Graça de Deus os ampare sempre».

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL INFANTIL — Integrada na romagem que fizeram a nossa Casa, os «Bairristas do Palácio» organizaram, no dia 21 de Outubro, uma excursão de diversos autocarros, dos quais fazia parte uma jovem equipa da «Parceria Antunes». Realizaram, então, um jogo amigável com a nossa equipa.

Eis os grupos: «Parceria Antunes» — Fernando, Sérgio, Quim, Docas, Jô, Paulo, Rui Bouças, Nando e Pedro. Como suplentes estiveram: Rocha, Cândido, Leonardo e Emílio.

D. Gaiato — «Perna-Longa», «Piasquita», Vieirinha, Annelim, «Gágá», «Malmequer», «Gagazito», «Chinês», Carlos Miguel, Ferreirinha e Paulinho. Como suplentes: «Cibinho», «Sarmoca» e Joaquim.

O jogo começou com a nossa equipa a grande velocidade. No entanto, foram os adversários a criar mais perigo, que a nossa defesa sabia combater. Especial realce para «Piasqui-

ta» que fazia os cortes com muita categoria!

Aos 12 minutos, a equipa visitante, através de Pedro, abre o activo.

Na segunda parte, os nossos rapazes lançaram-se para o empate e Vieirinha não perdeu a oportunidade de rematar.

O jogo terminou com o marcador empatado. À saída do campo houve troca de abraços e sorrisos de alegria. O resultado ficou bem melhor assim.

VISITANTES — Com o S. Martinho temos tido muitos visitantes, daquelas visitas só de passagem.

São inúmeras as camionetas que ficam estacionadas frente ao nosso portão.

Dão a volta à quinta e depressa se

esquecem de que vieram até nós, uma vez que a visita é feita num ápice!

De qualquer maneira, as ruas da nossa Aldeia enchem-se de gente que conversa com os miúdos, ocupados com os montes de folhas que juntaram para adubação dos campos.

Mas é sempre alegre sentirmos a alegria que nos transmitem os nossos visitantes, principalmente os que querem e procuram conhecer a nossa vida cristalina — pois somos a «Porta Alberta».

TRABALHO — Com o cair da folha, a nossa Aldeia torna-se num tapete multicolor. E é tão bonita assim!

Só que não podemos deixar que as folhas apodreçam e é necessário uma

remoção constante. Eu digo remoção porque os mais novos todas as semanas se entretêm a apanhar a folha que segue em carro de bois para a estrumagem dos nossos campos. Mas, logo de seguida, as ruas ficam todas, novamente, atapetadas de folhas caídas!

O Cipriano é o encarregado do carro de bois e controla o carregamento. O «Rebuçados» zela a apanha da folha e tudo tem dado certo. Pelo que sei, não têm havido aborrecimentos e tanto o Cipriano como o «Rebuçados» mantêm um clima de bom entendimento entre os seus pupilos «da lenha».

«Marcelino»

Do que nós necessitamos

De quem se aflige conosco todos os anos, na compra de material escolar para os nossos rapazes — e são milhares de escudos — 2 contos de Gaia, 100\$ de Lisboa, 2.000\$ de Linda-a-Velha. E 400\$ de S. Mamede de Infesta. Na comemoração do 18.º aniversário da Cruzada de Bem-Fazer da Boavista, 500\$. Anónimo com 250\$. Por alma do assinante 28555, 300\$. Da Casa de Saúde de Santa Catarina, 1.000\$. A mensalidade de 100\$, do Porto. E os habituais 100\$ em selos de correio, da Amadora. Por alma de Lourenço Mendonça, 1.000\$. Cheque de 4 mil de Lisboa. 1.000\$ duma mãe de Braga. Mais duas presenças da mesma cidade: 600\$ da ass. 16264 e 1.000\$ da Rua Condeheiro Januário. De um antigo gaiato, ora vivendo e trabalhando em Inglaterra, 1.000\$ entregues em visita que fez à sua Casa-mãe.

De Paços de Brandão, de quem após o seu casamento há vinte anos, nos visitou e hoje, para matar saudades: 9 contos, roupas e calçado, pedindo a Deus por um filho que sofre de miopia. E 200\$ por alma de Joaquim e Albertina. 1.000\$ de Gaia. Ass. 3119, com 250\$ e roupas, por alma de seu marido. Sufragando a alma de vários familiares, 25 contos do Porto. Os 70\$ do costume de Clara e Jorge Flores. Assinante 19823 com 1.000\$. Cumprindo uma promessa, 1.500\$ de Leiria. Também duma promessa, 500\$ de Riachos. E 100\$ entregues por Amorim, vendedor de O GAIATO, junto à Câmara do Porto. Lembrando o Natal que se avizinha, 5.000\$ de Aveiro. Anónima da Carujeira com 1.000\$. Duma «Mãe heróica», ads Caldas da Rainha, 5.000\$. Mais 1.500\$ por alma de Alberto Marques. E «a promessa que a minha gratidão não esquece», com 150\$. E os

1.000\$ mensais da Avenida João XXI, em Lisboa. De um jovem médico recém-formado, 1.000\$ em acção de graças.

De Coimbra, «em sufrágio da alma de minha querida filha, 250\$00 que são juro de obrigações do Tesouro que lhe pertenciam». 1.500\$ da Conferência de Fânzeres. 1.000\$ de médico de Lisboa. Vários donativos entregues à porta do nosso Lar do Porto. 4.000\$ por alma de Garibaldi Marinho. 1.000\$ da Maia. Mais 500\$ e roupa ótima e admiravelmente embalada, do Porto. Os 150\$ mensais da Rua Alferes Malheiro. 250\$ com a frase «obrigada Pai Américo». Numa lata-mealheiro, no Espelho da Moda, 522\$50. «Mãe triste», do Porto, com 1.000\$. Do Monte Estoril, «velha» assinante com os 100\$ mensais. Dum grupo de amigos da Obra, de Fátima, 1.000\$. Mais um cheque de 2 contos, para ajuda da matrícula dum estudante.

Dum primeiro ordenado, 5 mil escudos duma senhora. Ass. 4453, com cheque de 10 contos e 1.900\$ entregues há tempos. De promessa 1.500\$. Por alma do escritor Antero de Figueiredo, 10.000\$. De Alpedrinha, 100\$. Anónima com 3.000\$. De Monção, vale de 10.000\$. Mais cheque de 50 contos da Foz do Douro. Anónimo com 500\$. E de Armamar, 100\$. De Guimarães, 6.000\$. Visitantes, de Aveiro, com envelope entregue em mãos e dentro 2.500\$. Ass. 32742, com 700\$, dum aumento de salário. 100\$ de Ermesinde. De Elvas 2.000\$. Mais 10.000\$ de Lisboa. 600\$ do Porto, sendo 295\$ dum prémio do Totobola. E roupas também do Porto e camisólas de Gaia. Ofertas de gente amiga, da Ordem de S. Francisco, que nos visitou com muito amor e amizade, somaram 1.270\$00.

Mil escudos de Amora. 20\$

de Águeda. E 500\$ de Espinho. 100\$ do Porto. Ass. 30960 com 500\$ em acção de graças pela saúde de uma filha. 1.020\$ por alma de Eduardo José Lagoa da Fonseca. Mais 200\$ em sufrágio de Ana da Conceição. Vales do correio que somaram 40 contos, de Ovar, de quem já ajudou muito o nosso Conjunto musical. 6.000\$ de Lisboa, em cumprimento das últimas vontades de José da Costa Fontão. Pelo Mendão, vendedor na Póvoa de Varzim, 1.000\$ entregues por uma assinante. 500\$ de Nova Oeiras. E mais 4.725\$, produto da visita anual dos «Bairristas do Palácio». Os 700\$ mensais de Ermesinde. E 5 dólares de Fall River. Mais cheque de 20 contos, de Cascais: E 500\$ em cumprimento duma promessa, trazidos pelo Lourinho. E 6.000\$ da «Senhora das Rosas».

Vale de 582\$50, que nos chega todos os meses, dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio. 500\$ do Porto, «pela saúde do meu neto André». Em sufrágio de Rosa da Silva Oliveira, 200\$. E 5 contos da Farmácia Chão Verde. 1.000\$ do Porto. Mais 500\$ de Espinho. A mensalidade habitual da Figueira da Foz. Do grupo «Família e Amigos Unidos», 600\$. Recebemos, de S. Pedro do Sul, a encomenda que estava no Espelho da Moda. 150\$ da Amadora. 1.000\$ de Portalegre. 1.000\$ da capital. 6 contos e dois sacos de batata, de Alfena. Mais cheque de 5 contos, de algures. E 500\$ de quem andou a pé no mês de Setembro, não comprando o passe do metropolitano. E 100\$ do Porto: «Aqui vos envio o meu primeiro contributo, um pouco do pouco que ganho». Bem aceites são todas as ofer-



RETALHOS DE VIDA

O Mendão



Sou o Carlos Manuel Paula Mendão. Nasci em Setúbal no dia 10 de Dezembro de 1963. Tenho sete irmãos, quatro rapazes e três raparigas.

Meu pai e minha mãe são mudos, mas todos nós falamos bem.

O meu pai trabalhava de sapateiro, por sua conta. E minha mãe não, porque é doente, mas faz a limpeza da casa e governa o barco. Gosto muito de meus pais. E dos meus irmãos, dois dos quais já casados.

Como a minha mãe não nos podia sustentar, eu mais dois irmãos tivemos de ir para a casa da minha avó. Uma tia minha, que já conhecia a Casa do Gaiato, meteu cá um dos meus irmãos, chamado João Paulo. Ele, depois, foi a casa dos meus pais, esteve lá uns dias e, no regresso, trouxe-nos, a mim e ao Rogélio.

Estou na Casa do Gaiato de Paço de Sousa desde 15 de Fevereiro de 1974.

Por lá, fugia à Escola. Ia pescar para o mar, perto da residência da minha mãe. Fugia de casa para arranjar dinheiro para lhe dar... Ia pescar com os amigos e vendia o peixe.

Quando vim para a Casa do Gaiato só queria estar à beira do meu irmão Paulo, que trabalhava na expedição de O GAIATO. Depois, fui para a lenha com ele, pois era o chefe. E passou a vez a mim. Entretanto, seguiu para o campo e eu continuei chefe da lenha durante dois anos. Quando houve mudanças, escolheram-me para a expedição de O GAIATO e o meu irmão para a cozinha.

Sou também vendedor de O GAIATO. Estive durante meio ano no Porto, a seguir três anos em Aveiro e, agora, distribuo o jornal na Póvoa de Varzim.

Os meus dois irmãos já foram embora, mas eu continuo por cá muito feliz.

Ainda não sei o que será o meu futuro profissional! Vou pensar. Mas apetece-me ir para serralheiro mecânico. A serralharia é uma arte muito feitosa.

Termino com um forte abraço para os nossos amigos leitores.

Carlos Manuel Paula Mendão

PARTILHANDO

Neste fim de semana fomos ao Porto falar sobre a nossa vida e Obra, a pessoas de duas capelinhas de Bairro. Fizemos uma troca. Eles tinham cá vindo fazer um magusto em convívio paroquial e nós íamos lá, substituindo o pároco ausente em serviço, falar do que somos e fazemos. Assim foi. Os dois companheiros que le-

vei, e pela primeira vez, foram o Daniel e o «Mestre». Este, no fim de tudo, desabafou: — «Pensei que isto fosse mais difícil». O Daniel gostou e portou-se bem, mas teve uma dor de barriga em casa de um nosso amigo que nos convidou a provar do bolo do seu aniversário. Tomou chá e passou-lhe logo.

Foram cinco Missas pequeninas e aconchegadas. As duas capelinhas eram feitas de acolhimento e sobriedade. Nada de luxos. Jesus Cristo nasceu numa manjedoura e morreu numa Cruz. Então, o nosso tema foi a Pobreza. Em cada aldeia, bairro ou cidade, há casos graves a atender. E muitos desses casos a nós vêm parar, porque faltou aí uma palavra, uma atitude, uma ajuda, que talvez pudesse ser tudo para a solução. Desentendimentos familiares que desaguam em mares de aflição, desespero ou até da morte porque faltou algumas vezes alguém que desse o apoio humano na solidão deste ou daquele

tas, mas as mais pequeninas são vistas com redobrado amor. E finalizo com estas linhas:

«Por ter sido aumentado em 250\$00 o valor de cada uma das diuturnidades a partir deste mês — e eu já tenho cinco — junto envio 1.250\$00, total do acréscimo recebido que, com muito gosto, ofereço para essa Casa, dando graças ao Senhor por me ter inspirado que assim procedesse.

Para todos a velha amizade de

uma portuense qualquer»

Manuel Pinto

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Hoje, quem faz a procissão, é o nosso João Luciano, no meio de 40 colegas de trabalho! Ouçamos:

«Aí vão, de uma assentada, 40... novos assinantes para o nosso famoso O GAIATO!

Já deviam estar aí há muito tempo; mas, como mais vale tarde que nunca... Mesmo assim, isto tem uma explicação: Fui incumbido de passar a receber aqui, no Banco de Portugal, as assinaturas que um Amigo, já reformado, conseguiu, em número de 20. Depois de as receber, vai levar as importâncias ao Espelho da Moda. Tudo isto se torna uma satisfação para ele, o que já faz há alguns anos. Acabei de receber o 2.º semestre de 1979 e

vou entrar em comunicação para vir buscar o dinheiro.

Alguns assinantes, dos que arranjei, são Retornados de Angola e Moçambique. Alguns foram, mesmo, assinantes ou compravam lá O GAIATO.

Os actuais vendedores do jornal quase ninguém dá por eles, aqui no Porto! Nós — e eu refiro-me à minha época — corríamos tudo. Era à porta das igrejas, cafés, eléctricos, restaurantes, comboios, nada escapava ao nosso assalto com o pregão: — Olha O GAIATO! Até proponho uma venda do jornal de antigos rapazes com os modernos. Seria uma maneira de confraternizar e ensinar os novos vendedores..., a ver se eles, assim, tinham vergonha e aprendiam a lição...»

Que força, João! Nós compreendemos, perfeitamente, a tua ânsia de emulação, de conquista. Comportamento saudável, e natural, entre camadas d'épocas distintas.

Os nossos irmãos d'hoje, porém, ainda que não revelem, com tanta vivacidade, a mística dos pioneiros (acontece em todo o lado), vão cumprindo, na medida do possível — e, alguns, até muito bem — a lição que sugeres. E é bom que a leiam. E compreendam. E ela sirva de estímulo, ou incentivo, para aquecerem mais, no seu peito, na sua alma jovem, a chamada que provém de um «Velho».

Toma lá um forte abraço. E procura manter, sempre a estalar, o Fogo que arde no teu coração.

Júlio Mendes

LIVRO «O CALVÁRIO»

«Não faço qualquer comentário ao livro O CALVÁRIO, porque ele seria do estilo do dos restantes de Pai Américo; além de me sentir incapaz na escolha de palavras que pudessem expressar a riqueza e profundidade da sua doutrina.»

«Como Obra de Deus ao serviço dos Homens, O CALVÁRIO ensina o caminho a seguir e tão poucos são os que seguem o caminho de Cristo!

Como grande pecador confesso-me mais distraído com as coisas do mundo do que penetrado e seguidor das coisas de Deus.

Para tapar um buraco do fato roto da minha consciência, tomo a liberdade de enviar um vale do correio...»

«A leitura de O CALVÁRIO sensibilizou-me imensamente.

Nesta época, em que impera o egoísmo, encontramos almas abnegadas ao sacrifício para melhorar a dor humana. Os quadros nele retratados são um hino de louvor ao Padre Américo. Bem hajam.»

caso. E, então, cá temos nós a Casa do Gaiato para ser uma das últimas tábuas de salvação de vidas desfeitas, em consequências feitas carne e osso. E eis-nos a tentar salvar o que estava perdido e já não salvamos tudo...

As comunidades cristãs têm também uma palavra importante a dizer na vida da nossa Obra. Não a calemos, por bem dos Outros e nosso também.

Padre Moura

«Recebi O CALVÁRIO. Já tenho O PAO DOS POBRES, VIAGENS, BARREDO e dois volumes de DOCTRINA, do Padre Américo.

Estas obras não são deste mundo porco onde nós vivemos. Isto é a Doutrina do Mestre. É uma linguagem que o mundo, cheio de misérias morais e espirituais, não entende.

Os Partidos deviam pôr os olhos nesta miséria, em que os nossos Irmãos vivem como animais. Falam em obras, progresso, o País é atrasado. Se olhassem primeiro em socorrer os necessitados, vestir os nus e darem de comer a quem tem fome... Que grandes pecados!

Eu já me deu vontade de mandar O CALVÁRIO para as cúpulas. Talvez nem saibam como vivem alguns dos nossos Irmãos em Cristo.

Que Deus vos acompanhe, vos assista a todo o momento e vos guarde de todos os inimigos do Céu. São os votos desta alma agradecida, mas cheia de defeitos. Que Deus me ajude a conhecê-los melhor, para me emendar.

Só agora me é possível mandar a minha oferta. Desculpem o atraso. Eu sou viúva há 27 anos e pensionista. A vida está má para quem quer levar uma vida digna...»

O NOSSO JORNAL

É uma carta de Serpa:

«Queridos Amigos

Há um ror de tempo que não lhes digo nada. Pior: nem o jornal lhes tenho pago!

Ora, nos tempos que já lá vão, em que havia homens com juízo (o sábio da Sagrada Escritura), e em que, por isso, se ensinavam na Escola duas coisas que hoje muita gente ignora — Doutrina e gramática — aprendíamos os «pecados que bradam ao Céu» e um deles é não pagar o jornal a quem trabalha.

Ora aí está, segundo um delicadíssimo postal que re-

cebi de Paço de Sousa, estou a cometer esse grave pecado desde Agosto de 1972.

Não tenho pago o jornal no duplo sentido da palavra!

E que trabalho maravilhoso faz O GAIATO! A força do Evangelho! Um jornal (de tantos que havia e hoje ainda mais) sempre verdadeiro, sempre igual a si próprio, passando pela prova de fogo... e saindo incólume da fornalha como o profeta Daniel!

A verdadeira revolução, a única válida é a que se opera no interior do Homem.

A Paz do Senhor seja convosco.»

Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

ramente social que gerou e deu o corpo que somos: «A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem».

E se fomos ao Calvário, a mesma coisa. É mesmo a nota mais significativa do respeito pela pessoa humana que em tudo e sempre norteou Pai Américo e a fórmula mais eficaz de dignificar o Doente incurável, este dar a oportunidade de ser prestável a quem no julgar leviano do mundo não serve para nada.

Assim, ao longo de gerações, todos fizemos o que está feito; e vamos fazendo dia-a-dia o que importa fazer. E há sempre tanto que fazer, felizmente!

Não é, pois, ao trabalho em si-mesmo, que se refere o número 9 da Declaração dos Direitos da Criança; nem as estatísticas da Organização In-

ternacional do Trabalho que «estimam em mais de 50 milhões as crianças com menos de quinze anos que trabalham nos países em vias de desenvolvimento». O mal está «na estreita ligação entre a exploração da mão-de-obra infantil, a pobreza e a falta de reformas legislativas e sociais».

Sim, a exploração do trabalho infantil «representa», na verdade, «risco no desenvolvimento físico e intelectual da criança». «É o pior investimento que a sociedade pode fazer em termos de futuro» — acrescenta o documento da Organização Internacional do Trabalho. Nós que o digamos com a extensa experiência de tantos Rapazes para quem a família «masceu» quando eles atingiram, no contexto do nosso ser social subdesenvolvido, a idade de valor económico.

A pobreza é outra causa que força, quantas vezes contra vontade, ao trabalho prematuro da criança, frequentemente em ambientes adultos onde a higiene física e moral é absolutamente adversa às necessidades e direitos da condição infantil.

E que dizer das carências sociais? Por exemplo, da falta de apoio (podemos mesmo falar da inexistência de estruturas) à opção vocacional da nossa gente! Quantos desgostos arrastam uma vida inte-

ra a fazer algo que os não interessa! Quão fraco rendimento de tantos porque se lhes não descobriu o caminho da sua aptidão ou se lhes não deu a oportunidade de o seguir!

Outras vezes são preconceitos que condicionam grupos sociais a dirigirem os seus filhos para tarefas ditadas convenientes à sua classe, quando eles seriam mais felizes e mais férteis em actividades que, nem por o vulgo as julgar modestas, deixam de ser tão dignas e tão prestáveis à comunidade como as mais subidas na ordem do intelecto ou mais limpas na ordem da acção.

E o que há por aí nos Códigos das leis, de não farisaico e eficaz, na obstrução ao trabalho impróprio para crianças e à sua defesa dos prejuízos do meio e da obsessão económica de quem as emprega sem atender à sua condição de seres em formação?

É toda esta desmortalização a respeito do trabalho (e não pretendemos ter esgotado as causas) que o torna violência para tantas crianças e jovens por ele «entrapadas no seu desenvolvimento físico, mental e moral».

De resto, o trabalho, em ligação com a escola e a educação familiar, como iniciação ao concreto da vida, como exercício do poder criativo, como abertura ao bem-comum, é um instrumento pedagógico de suma qualidade, muitas vezes secundarizado, senão esquecido, que não contraria em nada a Declaração dos Direitos da Criança, antes sugere a adição de mais um parágrafo que consigne a sua importância na formação do Homem.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

nas próprias famílias, poderão, aliás, encontrar exemplificações dolorosas dos vários tipos de abandono ou de marginalização de pessoas idosas. O intuito que visamos é o de alertar as pessoas para os problemas gravíssimos da chamada Terceira Idade. É que, apesar da avalanche cada vez mais torrencial dos jovens abandonados, sem família ou em situações similares, ainda se vai fazendo alguma coisa pela criança, embora manifestamente insuficiente. Pelos velhos e doentes, infelizmente, pouco ou nada se vai realizando.

A terminar, à laia de concretização, transcrevemos palavras de alguém, profundamente chocantes, no declinar da vida: «...Já vivi bem, fui seminarista em X, fui sacristão em Y. Hoje, sozinho, 72 anos, sem amparo moral e sem amparo material, vivo da caridade pública e quantas vezes procuro nos caixotes do lixo um pouco de pão e restos de comida para matar a fome. Caridade para este farrapo humano».

Padre Luiz

Trata-se de pessoa viúva, do tipo de pobreza envergonhada, cuja esposa morreu de cancro e cujo desaparecimento constitui motivo permanente de grande saudade. As lágrimas deste Irmão juntemos as nossas, certos, porém, que precisamos de passar aos actos para bem cumprir a nossa missão de homens e de cristãos.

● Damos conta do eco havido a propósito do pedido de guarda-chuvas e de sapatos para os nossos Rapazes. Esperamos que não se extinga, dada a população da nossa Comunidade: 112 jovens.

A propósito das casas a construir para os nossos, queremos referir, com muita satisfação, a atitude de 90 Funcionários da Câmara de Loures que, discreta e espontaneamente, se associaram para satisfazer os encargos havidos com os processos burocráticos indispensáveis à sua consecução. Isto, para além dos trabalhos dos Técnicos e dos Administrativos, feitos com todo o desvelo e carinho. Bem hajam.

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

Infelizes os instalados nos seus tronos, insensíveis aos direitos dos Outros;

Infelizes os que fizeram da vida, vida de mentira.

Todos estes infelizes não têm lugar na Casa do Pai.

Depois de escutarmos a voz de Jesus Cristo Salvador, e de escutarmos vozes de irmãos que nos precederam nesta vida, nós queremos aceitar com muito amor e muita alegria que vale bem a pena:

Ser pobre
chorar
ser humilde
ter fome e sede de justiça
ser misericordioso
ser puro de coração

FOME — o mais grave problema mundial

Nem todos os grandes meios de comunicação social referiam a dramática alocução de João Paulo II aos delegados da Conferência da FAO (Organização Internacional da Agricultura e Alimentação) reunidos em Roma.

Segundo as agências noticiosas, o Sumo Pontífice afirmou que «o mais grave e o mais urgente dos problemas mundiais é a fome». E acrescenta: «Milhões de pessoas têm a sua própria existência ameaçada e é-se forçado a reconhecer, infelizmente, como a experiência actual mostra, ainda cruelmente, que a fome no mundo não provém sempre e unicamente de circunstâncias geográficas, climáticas ou agrícolas desfavoráveis. Ela provém, também, do próprio homem, das deficiências da organização social, que impede a iniciativa pessoal, ou mesmo do terror e da opressão de sistemas ideológicos».

Mais adiante, o Papa disse que as acções contra este flagelo da Humanidade não podem «satisfazer-se com os apelos ao sentimento, ou assomos esporádicos e ineficazes de indignação». «Acabou o tempo das ilusões — continua João Paulo II — em que se acreditava resolver automaticamente os problemas do subdesenvolvimento e das diferenças de crescimento entre os diversos países desenvolvidos. Acabou o

tempo em que se procurava garantir o direito de todos à alimentação através de programas de ajuda ou de programas de socorro de emergência em casos excepcionais».

Após recordar que Paulo VI visitou a FAO exactamente há nove anos, o Sumo Pontífice prestou homenagem a esta organização internacional, que «procura, com perseverança, definir os melhores meios e métodos mais apropriados às condições concretas de cada país». E, com a autoridade do Primado de Pedro, João Paulo II concluiu que a Agricultura fora um sector «afastado, durante muito tempo, do progresso dos níveis de vida, um sector que a rápida e profunda mutação sócio-cultural do nosso tempo atinge duma maneira particularmente dolorosa, pondo a nu as injustiças herdadas do passado, desestabilizando homens, famílias e sociedades, acumulando as frustrações e constringindo a migrações muitas vezes em massa e caóticas».

Um tema para meditação — e acção.

A problemática das migrações, sequência do eldorado da industrialização, atinge todos os países do Mundo, com um rol de funestas consequências para os povos, famílias, indivíduos — como sublinhou João Paulo II.

Todavia, entre as núvens negras que pairam no horizonte, restará, ao menos, a esperança de um sábio desta Europa nuclearizada que, há poucos anos, teria afirmado: «A Agricultura é a Indústria do futuro?»

Quem dera! Porém, que a concretização da profecia seja mais benéfica e útil para o Mundo, para o sub-mundo da Miséria — a vergonha do século XX.

Júlio Mendes

Padre Horácio



Gaiato

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.000 exemplares